

O Processo Civilizador

Luciano Infanti de Paula

Com contribuições dos grupos e do professor

O estudo do processo civilizador se inscreve no quadro de reflexão em torno do problema geral da mudança histórica. Não há nos registros históricos evidências de que o processo civilizador (isto é, processo pelo qual se desdobra uma mudança na conduta e sentimentos humanos em uma direção bem definida e molda aquilo que chamamos de civilização) tenha ocorrido de forma intencional ou planejada. Ou seja, a direção seguida por este processo não foi definida por indivíduos ou grupos, mas ocorreu de forma não calculada ou premeditada. De fato, planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam, constituindo um tecido interdependente em movimento que pode dar origem a mudanças e modelos com determinado ordenamento.

Parece pouco razoável considerar que, dada a aparente natureza caótica do processo civilizador, este último tenha ocorrido de forma completamente aleatória. A ausência de um plano racional atuando como guia para este processo não implica em ausência de ordem. De fato, o processo civilizador tem sua origem em engrenagens do sistema responsável pela manutenção da dinâmica social que são muitas vezes intangíveis à compreensão humana. Esse aspecto confere ao processo civilizador sua – enganosa – aparência de aleatoriedade.

A razão desta estranha ordem das interações sociais e suas consequências escapa ao senso comum. As ações humanas são, como Elias aponta, elementos de uma rede intangível que une uma sociedade. Conforme a rede de interdependência cresce, aumenta também a complexidade desta

rede, que é motor do processo civilizador.. Para se encaixar nesse emaranhado de relações que é a sociedade, o indivíduo incorpora mecanismos internos de autocontrole, que serão mais ou menos intensos e complexos dependendo da posição que ocupa na rede e do lugar e do tempo.

Convém destacar aqui que o processo civilizador ocidental se associa estreitamente com a formação do Estado absolutista. No feudalismo, os senhores feudais viviam em competições fundadas em violência. Pouco a pouco, ocorre a diminuição do número dos competidores, com a concentração cada vez maior do poder, o que leva a formação do Estado, que cria o monopólio do uso da violência. Nestes territórios mais vastos sob um poder centralizado, o tecido social torna-se mais complexo, com maior diversificação das funções sociais e, por consequência, um maior grau de interdependência entre os indivíduos. Assim, cresce a pressão que o emaranhado social exerce sobre os indivíduos.

Esta pressão leva ao aumento do autocontrole dos indivíduos que interiorizam cada vez mais regras de convívio social para integrar seu meio. Assim, a barbárie da violência física foi aos poucos sendo superada, dando lugar à uma sociedade mais estável e previsível, com diminuição da insegurança da vida cotidiana. Houve portanto uma mudança no molde social representado pelo código de conduta aceito socialmente. Convém insistir aqui que, como sugere Norbert Elias, “a estabilidade peculiar do aparato de autocontrole mental que emerge como traço decisivo, embutido nos hábitos de todo ser humano ‘civilizado’, mantém a relação mais estreita possível com a monopolização da força física e a crescente estabilidade dos órgãos centrais da sociedade”.

Nesta mesma direção que associamos à civilização, com a redução do uso frequente da violência física, ocorre também processos civilizadores individuais. Trata-se da incorporação de regras de convívio e de disciplina que limitam as manifestações emocionais dos indivíduos. De tal maneira, há uma supressão de muitas de suas paixões e afetos. Assim, este processo civilizador individual deixa cicatrizes mais ou menos importantes, pois o indivíduo é condicionado a não expressar seus sentimentos mais profundos.

Por fim, os chamados surtos civilizadores são sempre tão intensos quanto são extensas as interdependências da malha social. Esta extensão se associa ao nível elevado de divisão das funções e à natureza das estruturas sociais.